

Conto fantástico, “O sonho de um homem ridículo”, de Fiódor Dostoiévski, do fim do século XIX (1877), é uma obra ficcional, mas que nos dá oportunidade para uma interpretação que tenha como parâmetro uma leitura da narrativa com o viés social, questionador, reflexivo diante do comportamento e do pensamento humano.

Joaquim Humberto Coelho de Oliveira
Carlos Antonio Pereira da Silva

O ser consciente e onírico em “O sonho de um homem ridículo”, de Dostoiévski

The conscious and dreamlike being in Dostoevsky’s “The Dream of a Ridiculous Man”

JOAQUIM HUMBERTO COELHO DE OLIVEIRA*
CARLOS ANTONIO PEREIRA DA SILVA**

Resumo

“O sonho de um homem ridículo” é uma narrativa fantástica do escritor russo Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski, de 1877. Procura-se, neste artigo, mostrar as características que permeiam as ações do personagem principal, o narrador onipresente, sob o ponto de vista da formação e participação do ser no processo da narrativa fantástica, presente no sonho e fora do sonho do personagem. É um ser social em ambos os processos de citações? A ação onírica permeia a ação não onírica do personagem e assim faz contribuir para as suas mudanças como ser social, então? Há outras vezes que contribuem para isso? A essência do ser humano em torno do que seja a moral, a liberdade de pensamento em torno do bem e do mal; o suicídio como elemento de fuga diante da imagem do ridículo. Isso, na obra de Dostoiévski, nos leva à discussão em torno do conto “O sonho de um homem ridículo” como fonte para mostrar as nuances dialógicas em torno do pensamento freudiano descrito por Bakhtin. Pelas leituras em “Marxismo e Filosofia da Linguagem” e “Freudismo: um esboço crítico”, ambos de Michael Bakhtin, e a “Instituição Imaginária da Sociedade”, de Castoriadis, tem-se a base, neste artigo, para melhor refletir sobre essa composição literária e também política.

Palavras-Chave: Bakhtin. Dostoiévski. Freud. Sonho.

* Doutor em Filosofia; Professor do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes pela Unigranrio; Email: jhumbertoo@uol.com.br

** Mestre em Humanidades Culturas e Artes pela Unigranrio; Email: profcp@hotmail.com

Abstract

The Dream of a Ridiculous Man is a fantastic narrative by Fyodor Mikhailovich Russian writer Dostoevsky, 1877. Wanted in this article show the characteristics that permeate the actions of the main character, the omnipresent narrator, from the point of view of training and participation in the process of being the fantastic narrative, in this dream and out of character of the dream. It is a social being in both cases quotes? The dream action permeates not dream action of character and so does contribute to its changes as a social being, then? There are other voices that contribute to it? The essence of the human being around what is morality, freedom of thought around the good and evil; suicide as an escape element before the image of ridicule. This in Dostoevsky's work leads us to the discussion around the tale The Dream of a Ridiculous Man as a source to display the dialogic nuances around the Freudian thought described by Bakhtin. The readings in Marxism and Philosophy of Language and Freudianism: a critical draft, both Michael Bakhtin, and the Imaginary Institution of Society, of Castoriadis, has a base in this article to better reflect on this literary composition and also political.

Keywords: Bakhtin. Dostoiévsk. Freud. Dream

Introdução

Conto fantástico, "O sonho de um homem ridículo", de Fiódor Dostoiévski, do fim do século XIX (1877), é uma obra ficcional, mas que nos dá oportunidade para uma interpretação que tenha como parâmetro uma leitura da narrativa com o viés social, questionador, reflexivo diante do comportamento e do pensamento humano. Essa característica de conto fantástico tem sua origem no gênero chamado de *menipeia*, que Mikhail Bakhtin enfatiza como gênero e que serve como base para as obras de Dostoiévski. Surgido no século II a.C., "a menipeia teria excepcional liberdade de invenção do enredo e filosófica" (BAKHTIN, 2013, p. 130). Além disso, enfatiza Bakhtin:

Na menipeia, aparece, pela primeira vez, também aquilo a que podemos chamar experimentação moral e psicológica, ou seja, a representação de inusitados estados psicológico-morais anormais do homem – toda espécie de loucura ("temática maníaca"), da dupla personalidade, do devaneio incontido, de sonhos extraordinários, de paixões limítrofes com a loucura. (BAKHTIN, 2013, p. 133)

É no jornalismo, no folhetinismo e nos romances que Dostoiévski utiliza esse gênero para a sua escrita polifônica.

Começamos a narrar o conto "O sonho de um homem ridículo" (DOSTOIÉVSKI, 2011). O personagem desse conto, desde criança, "desde

os sete anos” (Ibid., p. 91), já soubera que era ridículo. Isso o angustiava, pois até mesmo se confessasse isso, “estouraria os miolos com um revólver” (Ibid., p. 92). Já adulto, com toda a indiferença à vida, às questões polêmicas de seu mundo, continuou com a ideia de se matar. Quando a caminhar pelas ruas de São Petesburgo, na Rússia, em uma noite chuvosa, olhando para o céu, ao avistar uma estrelinha, teve a certeza de acabar com sua vida.

Mas eis que surge uma criança, uma menina que, na noite chuvosa de São Petesburgo, faz-lhe refletir sobre o pensamento em morrer. A criança lhe pedia ajuda, chamava pela mãe. Inicialmente, para ele, tudo continuava indiferente. Por que não se matara? Por que não socorrera a menina?

O nosso personagem, em seu quarto, em seu cômodo pobre e pequeno, “com uma janela sótão semicircular” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 96), no seu divã de oleado, sonha que apanha o revólver e, sentado, aponta direto para o coração. Não para a cabeça, como planejava fazer durante os meses que pensava em se suicidar. Com sua morte, no sonho, vendo-se sendo carregado já morto dentro do caixão, tem a certeza de que se matara. Aceita “a realidade sem discussão” (Ibid., p. 104). Já na sepultura, inerte, após clamar pelo “Senhor”, eis que surge uma “criatura escura e desconhecida” (Ibid., p. 105) que o leva para conhecer o planeta, contornar a Europa, mostrar um mundo diferente, belo:

Ah, tudo era exatamente como na nossa terra, mas parecia que por toda a parte rebrilhava uma espécie de festa e um triunfo grandioso, santo, enfim alcançado. (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 108)

No seu sonho, os habitantes daquele planeta eram felizes. Nos rostos dos homens e das mulheres, irradiava a razão e a uma certa consciência que já atingira a plena serenidade. Descobrira, então, que aquela “terra não era profanada pelo pecado original” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 109). Não havia ciúmes, brigas; não havia doenças; eram abençoados, sorridentes, sem dor, sem lágrimas. Eram realmente felizes, viviam no paraíso. “Celebravam a natureza, a terra, o mar, as florestas” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 114). Mas, como Adão e Eva, pecadores no paraíso, o nosso personagem também cometeu seu pecado no planeta presente no sonho: ensinou aos habitantes daquele planeta a mentir. Daí vieram os ciúmes, as brigas, a crueldade e o sangue. Apareceram moléstias, doenças comuns em animais e humanos. A individualidade começou a prosperar. O “eu” era mais importante que o “nós”. Mas também buscaram soluções para os problemas que afligiam a vida social: surgiu a fraternidade e união como meios para abolir a maldade; surgiu a justiça, e assim as leis e as penas (a guilhotina). Deixaram de acreditar que realmente já foram felizes em algum tempo. Porém, não tinha importância isso. Agora, tinham a ciência como instrumento de uso para a solução dos seus problemas no planeta em que viviam.

O nosso personagem se sentia culpado por tudo isso. Queria morrer, mas

agora não tinha forças para se suicidar. Os habitantes daquele planeta o achavam louco, queriam interná-lo em um hospício.

Eis que o nosso amigo acorda, na mesma poltrona, com o revólver a sua frente, pronto para utilizá-lo na ação de dar fim a sua vida. Desiste dessa empreitada: quer pregar a verdade - amar ao próximo, viver realmente a felicidade.

As diversas vozes presentes no ser consciente e onírico em “O sonho de um homem ridículo”

É com a apresentação frasal inicial acima que o personagem se descreve para o leitor. À noite, pelas ruas de São Petersburgo, o personagem, em primeira pessoa, divaga sobre a sua vida. Resolve terminar com ela. Para isso, pretende utilizar um revólver e assim atirar na sua própria cabeça. Sem narrar pormenores de tanta convicção quanto a sua característica moral, apenas mostra-se certo de conhecedor da verdade. Mas qual a verdade? Do que fala o nosso personagem? A narrativa dostoiévskiana é pautada por uma realidade vivenciada pelo autor-criador dos romances, autor esse conhecedor e participante da vida política e social da Rússia do século XIX. Mas não somente isso.

O personagem, também diante da sua fraqueza, do seu desequilíbrio perante as causas intrínsecas do seu pensamento quanto homem, resolve cometer suicídio. Vozes coletivas e individuais se encontram e auxiliam para a fuga da realidade. O diálogo entre o personagem e essas outras vozes que o rodeiam enfatiza o discurso bakhtiniano: a enunciação de outrem em nossa comunicação nos mostra que somos sujeitos repletos de palavras, que retratam também nosso pensamento ideológico.

É um “ser” consciente, como qualquer outro personagem das obras de Fiodór Dostoiévski. O argumento de autoridade para dar fim a sua vida é a certeza de que é o único conhecedor da verdade. Ele tem consciência de seus atos enquanto do momento da enunciação. Assim, enfatiza Bakhtin:

O indivíduo enquanto detentor dos conteúdos de sua consciência, enquanto autor dos seus pensamentos, enquanto personalidade responsável por seus pensamentos e por seus desejos, apresenta-se como um fenômeno puramente sócio-ideológico. (BAKHTIN, 2002, p. 58)

Mas essa verdade ainda não era a única, como imaginara. Isso se deu em uma noite torrencialmente chuvosa, caminhando ainda em São Petesburgo, olhando para o céu, fixa-se em uma estrela. A ideia de se matar vem-lhe à cabeça. Mas, como em nossas vidas, tudo aparece de forma surpreendente, enquanto olhava para o céu, o nosso personagem depara-se com uma menina, que não chorava, mas gritava. Esse som ele conhecia. Era o chamamento pela mãe. A indiferença aqui não mais se faz presente. O complexo de Édipo tem sua representação nessa passagem da narrativa.

Todos em sua volta o desprezam, exceto a figura materna, essa que é capaz de ouvir seus lamentos, seus gritos de abandono. O diálogo consigo mesmo mostra-nos o quanto o nosso personagem não está “falando” sozinho.

Voltei meu rosto para ela, mas não disse uma palavra e continuei andando, só que ela corria e me puxava e, na sua voz, ressoava aquele som que, nas crianças, muito assustadas significa desespero. Conheço esse som. (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 95)

A indiferença à vida também se mostrou diante daquela criança. Aparência, apenas aparência. Porque tudo muda. O seu quarto, “pobre e pequeno, com uma janela de sótão semicircular” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 96) era o espaço exemplificativo para a degradação econômica da época, o que mais uma vez mostra o objetivo do autor: criação de um conto fantástico, mas com nuances sociais e histórias

O pensamento em se matar demorou dois meses, mas, em um único minuto, tudo iria se consolidar. O tempo presente foi se construindo em um passado consciente do que tinha como objetivo: morrer, acabar com o sofrimento em que se encontrava. O tempo presente é o que lhe importa, esse é o tempo do fim de sua vida, pois “quanto ao presente, como o podemos medir, se não tem expressão? Nós o medimos enquanto ele passa” (AGOSTINHO, 1984, p. 345). O que não ocorreu no passado apenas é a confirmação para a sua ação presente.

Diante dessa descrição do tempo cronológico – “talvez desde os sete anos já soubesse que sou ridículo” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 91) – “fazia dois meses que isso já estava firmemente decidido” (Ibid., p. 94) – “Sim, sonhei então esse sonho, o meu sonho de três de novembro” (Ibid., p. 102), no conto “O sonho de um homem ridículo” caminha em direção a um tempo psicológico do personagem, que tem como objetivo narrar a sua vontade de se suicidar e descrever seu sonho. A predominância de uma contagem do tempo nos leva a seguir um raciocínio de que há um limite para existência da vida humana e que essa existência é rápida, passageira diante de como vemos a nossa vida, o mundo em nossa volta. E que para o personagem, esse limite se encurta diante do pretexto em querer acabar com sua própria vida.

Ao lado do seu quarto, em outro cômodo, pessoas bebiam, faziam barulho, mas, para ele, tudo era indiferente. Por que então não se matara antes, naquela noite em que caminhava? A menina, a criança lhe fez sentir pena. Sentimentos, humanização, tudo agora não lhe é indiferente.

A fuga do “eu” realista para o “eu” sonhador em “O sonho de um homem ridículo”

O tempo da modernidade existente na vida de nosso personagem vai ao encontro do tempo narrativo de vida do próprio Dostoiévski. Como jornalista

principal da Rússia nos anos de 1877, o autor soube em seus romances e contos inserir a visão realista da vida social e histórica de sua época. Ao homem “civilizado” do mundo ocidental, soube mostrar as nuances introspectivas de que se vale cada ser humano no seu dia a dia: conflitos com o sistema social, conflitos com os valores e, acima de tudo, conflitos com a predominância do conhecimento em oposição aos sentimentos, à vida.

Em “O sonho de um homem ridículo”, os pensamentos oníricos do personagem em relação ao sonho, aos acontecimentos descritos no planeta semelhante ao da Terra, estão muito próximos da sua realidade, pois é em virtude do que sonhara que seu comportamento muda. Tem-se, a partir do sonho, uma esperança para uma nova visão diante do mundo que o cerca, diante da relação humana. O sonho se desprende das imagens e recai em ações, em palavras. Palavras essas representadas pelo autor através de ideias. Como bem define Bakhtin:

A todas as personagens principais de Dostoiévski é dado “pensar nas alturas e as alturas buscar”. Em cada uma delas “há uma ideia grandiosa e não resolvida”, todas precisam antes de tudo “resolver uma ideia”. E é, nessa solução da ideia, que reside toda a vida autêntica e a própria falta de acabamento dessas personagens. (BAKHTIN, 2013, p. 97)

A ideia presente na obra “O sonho de um homem ridículo” é a do suicídio inicialmente. Mas qual a representação dessa ação na narrativa apresentada pelo autor? Diante da formação polifônica das obras dostoiévskianas, tem o leitor a livre iniciativa para recriar conceitos e análise dos comportamentos e das ações dos personagens. Há, no conto, mais do que uma relação da poética dialética entre a passagem do real para o onírico, há objetivamente um pensamento inconsciente sob um processo já idealizado (BAKHTIN, 2014) do personagem em querer se matar. Essa poética é dialógica e ideológica. O signo da religiosidade, da vida no paraíso, é uma voz também que se apresenta ao leitor na narrativa do conto fantástico de Dostoiévski. A vida após a morte, que se insere no contexto onírico, é a representação do viés religioso. O Deus, como instituição presente na vida do personagem, também permeia a narrativa do seu sonho. Seja, talvez, o seu “senhor”.

O conto ou novela “O sonho de um homem ridículo” tem, como desfecho, a mensagem de que há esperança em ter o sentimento, o respeito para com o outro, a convivência com as diferenças, o amor ao próximo, em viver realmente em torno da felicidade humana, desfavorecendo assim o conhecimento científico como único instrumento de auxílio para a existência da vida no planeta, pois a ciência também é a responsável por contribuir com as mazelas que assolam as relações humanas.

Todavia, podemos seguir um viés filosófico sob o seguinte caminho: o suicídio é um novo despertar (SCHOPENHAUER, 2012), um novo renascimento para o personagem, diante da indiferença para com tudo e para com todos. A vida, a verdadeira vida desejada é aquela presente no sonho, mas que a

cada mudança, decorrente de novas ações do sujeito onírico, transforma-se em um pesadelo ou em uma reflexão de consciência. É verdade que os sonhos não são lembrados, na maioria das vezes, tornando-se narrativas fragmentárias, difíceis de serem descritas. Mas “ao nos referirmos ao sonho, estamos inevitavelmente atrelados ao passado” (PARENTE, 2014, p. 22). Isso, porém, não é ponto importante na construção da obra literária de Dostoiévski. O que é ressaltado é processo onírico descrito pelo personagem principal:

Os sonhos, como se sabe, são uma coisa extraordinariamente estranha: um se apresenta com assombrosa nitidez, com minucioso acabamento de ourivesaria nos pormenores, e em outro, como que sem se dar conta de nada, você salta, por exemplo, por cima do espaço e do tempo. Os sonhos, ao que parece, move-os não a razão, mas o desejo, não a cabeça, mas o coração, e no entanto que coisas ardilosas produzia às vezes a minha razão em sonho! (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 101)

O conto, como já dito, é classificado como “fantástico”, embora já tenhamos apresentado razões objetivas para não serem desmerecidas as características reais que permeiam a vida do autor na época da construção das obras literárias e que aparecem de forma metafórica em “O sonho de um homem ridículo”.

Essa dualidade entre a realidade e o sonho é pautada no conto pela realidade entre o conhecimento dos valores que permeiam a vida humana e a real vivência do sentimento humano. O autor nos mostra ao final da narrativa que somos representados pela exigência em conhecer a nossa essência, a nossa formação de caráter, conhecer as nossas necessidades. Somos objetos de manipulação da ciência. Ela que dita as regras do nosso bem viver. A vida dos personagens no sonho do nosso protagonista era realmente bem diferente da dele, pois:

Ah, entendi imediatamente, ainda então, que em muita coisa não os entenderia jamais; a mim, como um moderno progressista russo e um petersburguês sórdido, me parecia insolúvel, por exemplo, o fato de que eles, sabendo tanto, não possuíssem a nossa ciência. (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 111)

Essa manipulação do homem pela ciência, mesmo que involuntariamente, nos leva à formação de identidades também polifônicas. Somos representantes do que os demais integrantes da sociedade nos exigem que sejamos, integrantes esses que são também sujeitos pertencentes ao poder intuitivo, como a Igreja, a Justiça, etc. Como bem nos diz Castoriadis,

A identidade é instituída como esquema nuclear do leque social. Se dissessem que aqui também ela não é jamais “efetiva” ou “real”, isso só faria confirmar o que eu digo: a

identidade é instituída como regra e norma de identidade, como primeira norma e forma sem o que nada pode ser da sociedade, na sociedade, para a sociedade. A instituição é sempre instituição, também, da norma. (CASTORIADIS, 1985, p. 242)

Há já nos primeiros parágrafos do conto “O sonho de um homem ridículo”, de Dostoiévski, uma ruptura da valorização da ciência na sociedade ocidental. De forma alegórica, o autor repassa para simbologia infantil da menina a valorização do sentimento, do valor humano. Isso parece ser mais uma das virtudes da literatura dostoiévskiana, como bem afirma Walter Benjamin:

O sofrimento dessa juventude é a infância ferida, justamente porque a infância ferida do homem russo e da terra russa paralisou sua força. Retorna sempre claramente em Dostoiévski a ideia de que o nobre desdobramento da vida humana a partir da vida popular emerge somente a partir do espírito da criança. (BENJAMIN, 2013, p. 79)

Talvez a valorização da infância, a angelidade da alma infantil, da inocência, da fragilidade do corpo infante, nas diversas obras do autor, seja em decorrência da visualização do sofrimento das diversas famílias e grupos sociais marginalizados nos campos de trabalho escravo na Sibéria, quando lá esteve o autor. O reconhecimento da realidade social que se passava a Rússia do século XIX é um contexto sempre presente em Dostoiévski. A figura representativa da menina é apenas o pretexto para esse dialogismo entre autor, personagem e realidade social. Vejamos outras citações na obra, presentes na narrativa onírica, em que aparece o valor sentimental da infância nas relações humanas: “só nas nossas crianças, nos seus mais tenros anos de vida, é que talvez se pudesse achar um reflexo, embora distante e pálido, de tal beleza” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 109). “Gostavam de compor cantigas uns para os outros e elogiavam-se uns aos outros, como crianças; eram as mais simples cantigas, mas fluíam do coração e penetravam no coração” (Ibid., p. 114).

Ao falar do valor sentimental, voltamos nossas atenções mais uma vez ao suicídio. Há uma voz racional, lógica, de se acabar com a vida, atirando em sua própria cabeça. O pensar, o conhecer, a razão simbolizada na parte do corpo que comanda as decisões. É atitude fria, pensante, objetiva. Na vida, o cérebro que nos orienta a tomar o melhor caminho. Nos sonhos, na afetividade, nos sentimentos, é o coração que comanda as nossas ações. Até mesmo na ação de querer morrer pelas próprias mãos, lançando um projétil na direção do órgão do amor, da vida.

Considerações finais

Navegando em torno das mazelas humanas ou até mesmo da realidade

que assola a Rússia no decorrer do século XIX, Fiódor Dostoiévski faz das suas narrativas mensagens polifônicas para dialogar com o leitor de suas obras. A cada personagem, há inúmeras consciências refeitas no decorrer do romance, do conto ou novela. Não é diferente em “O sonho de um homem ridículo”. Segundo Mikhail Bakhtin, em “Problemas da Poética de Dostoiévski”, o autor foi à origem do gênero do século II a.C., chamado de *menepéia*, para expor as nuances que permeiam o comportamento e pensamento humano em seus personagens. No conto “O sonho de um homem ridículo” tem o personagem principal a fuga da vida, através do suicídio, para adentrar no íntimo consciente de que a “verdade” é valorizar o humano em oposição ao conhecimento científico. O sonho narrado é o contexto maior para a mudança de pensamento. Pensamento esse refeito sob a valorização ainda da inocência do viver, simbolicamente representado pela presença de uma criança.

Mas o que impera na narrativa de conto são as várias vozes presentes, seja a religiosa, seja a social, seja a sentimental. A primeira é tida pelo diálogo entre o personagem e seu “senhor”, seu Deus, concretizado pela confissão ou pelos sermões. A vida social do mundo que o cerca, concretizada pelo cientificismo, também integra a relação dialógica. Quanto aos sentimentos, paira, em seus pensamentos, seja quanto ao sujeito real ou quanto ao sujeito onírico, a certeza de que conhecer a vida não basta para ser feliz. Tem que realmente sentir a felicidade em sua vida.

A plenitude do homem ridículo em saber que realmente é ridículo faz da obra uma narrativa de elaboração artística (BAKHTIN, 2013) em uma literatura carnavalizada pela presença polifônica e das significações humanas nos cenários apresentados: na vida e no sonho. Mas a verdade do que seja a vida é realmente conhecida pelo sonho. Isso caracterizaria um personagem dito louco, lunático, utópico? Talvez, se apenas acreditássemos que o real em nossas vidas estivesse atrelado somente ao conhecimento da razão.

Porém, nossas vidas estão atreladas a um convívio social em que impera a participação de todas as vozes que nos cercam. Vozes essas críticas, questionadoras, persuasivas, enfim institucionalizadas pelo discurso polifônico, engendrado de narrativas. Esse entendimento de uma polifonia no discurso social é pautado também no entendimento da obra literária aqui analisada. O real e o onírico se entrelaçam sob um processo de formação do reconhecimento do pensamento concreto na visão onírico do personagem, construído, transformado e reconduzido pelo autor-personagem em Fiódor Dostoiévski. Que possamos ser polifônico em nossas vidas, e também em nossos sonhos, em cada dia, em cada estória.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984.

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- _____. **O freudismo**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- _____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2013.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Dois narrativas fantásticas: a dócil e o sonho de um homem ridículo**. Tradução de Vadim Nikitin. São Paulo: Editora 34, 2011.
- PARENTE, Alessandra A. M. A encenação dos sonhos: imagens de Freud e de Benjamin. **Ágora**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 9-25, 2014.
- SCHOPENHAUER, Arthur. O mundo como vontade e representações. **Membros do grupo de discussão Acrópolis**, v. 4, 2012. Disponível em: <<http://br.egroups.com/group/acropolis>>. Acesso em: 25 jul. 2015.